

SUBJETIVIDADE E HISTÓRIA: NOTAS SOBRE AS RELAÇÕES DE FOUCAULT COM O PENSAMENTO DE KANT

SUBJETIVIDAD Y HISTORIA: NOTAS SOBRE LAS RELACIONES DE FOUCAULT CON EL
PENSAMIENTO DE KANT

SUBJECTIVITY AND HISTORY: NOTES ON FOUCAULT'S RELATIONS WITH KANT'S
THOUGHT

Tiago Viotto da Silva^{*}

Hélio Rebello Cardoso Júnior^{**}

Universidade Estadual Paulista | Campus Assis

RESUMO: Nesta reflexão enfocamos a contiguidade entre as relações de Foucault com o pensamento de Kant a partir do tema que envolve as afinidades entre a subjetividade e história. Para tanto, nos debruçamos sobre dois textos em específico: o artigo *O que são as Luzes?* de 1984, e a tese complementar *Gênese e estrutura da Antropologia de Kant*, de 1961. Como método de abordagem, adotamos uma leitura a contrapelo, isto é, a partir de elementos extraídos de reflexões da década de 1980, procuramos entrever algumas das ressonâncias possíveis de serem hauridas entre a subjetividade e história junto ao trabalho de Foucault de 1961. Sem perder de vista as constantes transformações de seu pensamento, delimitamos, com isso, um campo de problemas específico no desenvolvimento do labor intelectual de Foucault.

PALAVRAS-CHAVE: Michel Foucault. Immanuel Kant. Subjetividade. História.

RESUMEN: En esta reflexión enfocamos la contigüidad entre las relaciones de Foucault con el pensamiento de Kant a partir del tema que incluye las afinidades entre subjetividad e historia. Para tanto, nosotros nos inclinamos sobre dos textos en particular: el artículo *¿Qué es la Ilustración?*, de 1984, y la tesis complementaria *Génesis y estructura de la Antropología de Kant*, de 1961. Como método de enfoque, adoptamos una lectura al revés, esto es, a partir de elementos extraídos de reflexiones de la década de 1980, procuramos entrever algunas de las resonancias posibles de ser extraídas entre la subjetividad y la historia junto al trabajo de

^{*} Doutorando em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) – FCL Assis. Processo nº 2017/15656-0, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). <https://orcid.org/0000-0002-4030-8558>. E-mail: viotto.ts@gmail.com.

^{**} Livre-docente em Filosofia. Professor do departamento de História da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – FCL Assis. <https://orcid.org/0000-0001-7354-2044>. E-mail: herebell@hotmail.com.

Foucault de 1961. Sin perder de vista las constantes transformaciones de su pensamiento, delimitamos, con ello, un campo de problemas específico en el desarrollo de la labor intelectual de Foucault.

PALABRAS-CLAVE: Michel Foucault. Immanuel Kant. Subjetividad. Historia.

ABSTRACT: In this reflection, we focus on the contiguity between the relations of Foucault with Kant's thought building on the theme that involves the affinities between subjectivity and history. Therefore, we take into consideration specifically two texts: the article *What is Enlightenment?*, 1984, and the complementary thesis *Genesis and structure of Kant's anthropology*, 1961. As a method, we adopted a backward reading, that is, from elements drawn from reflections of the 1980s, we try to hint at some possible resonances between subjectivity and history in Foucault's 1961 thesis. Without losing sight of the constant changes on his thought, by doing that we delimit a specific field of problems in the development of Foucault's thought.

KEYWORDS: Michel Foucault. Immanuel Kant. Subjectivity. History.

1 INTRODUÇÃO

A abordagem do pensamento de Michel Foucault a partir dos diálogos que ele procura estabelecer com os textos de outros pensadores demanda alguns importantes cuidados a aqueles que se debruçam a tal tarefa. Isso porque, Foucault não reivindica heranças ou filiações, não pratica história da filosofia em um sentido estrito e, por isso, se mostra pouco afeito ao exercício do comentário:

[...] comentar é, por definição, admitir um excesso de significado sobre o significante, um resto necessariamente não formulado do pensamento que a linguagem deixou na sombra, resíduo que é sua própria essência, impelida para fora de seu segredo [...] falar sobre o pensamento dos outros, procurar dizer o que eles disseram é, tradicionalmente, fazer uma análise do significado. Mas é necessário que as coisas ditas, por outros e em outros lugares, sejam exclusivamente tratadas segundo o jogo do significante e do significado? Não seria possível fazer uma análise dos discursos que escapasse à fatalidade do comentário, sem supor resto algum ou excesso no que foi dito, mas apenas o fato de seu aparecimento histórico? (FOUCAULT, 2004, p. XIII - XIX).

Com isso, nos deparamos com um pensador que evita, pois, comentar as obras de outrem por entender que tal exercício pressupõe, entre as linhas de um determinado escrito, um fundo oculto, obnubilado, cujo comentador teria a incumbência de trazer à tona – e, por conseguinte, à luz – seja para submetê-lo a um conjunto de categorias entendidas como exteriores ao texto – condições econômicas, sociais, políticas, culturais e etc. –, ou, então, para religá-lo à coerência sistêmica do pensamento de um autor e, assim, oferecer a determinado texto o estatuto de uma parte cujo sentido deva ser remetido à sua (justa) posição junto a arquitetura de uma obra, esta compreendida como um todo (MUCHAIL, 1992). Se esquivando de tais práticas, Foucault afirma:

[...] acredito que é importante ter um pequeno número de autores com os quais pensamos, com os quais trabalhamos, mas sobre os quais não escrevemos. Eu escreverei sobre eles talvez um dia, mas, mesmo nesse momento, eles serão para mim apenas instrumentos de pensamento. Finalmente, há, para mim, três categorias de filósofos: os filósofos que eu não conheço; os filósofos que eu apenas conheço e de quem eu falei; os filósofos que conheço e de quem eu não falei (FOUCAULT, 2001, p. 1522)¹.

Tais premissas, entretanto, não são um obstáculo para que nos esforcemos em refletir, e procurar uma delimitação atinente ao percurso de Foucault, acerca dos diversos e singulares encontros entre seus trabalhos e o de importantes autores da história da filosofia. Afinal, mesmo que com contornos particulares, tais encontros ocorrem.

Tendo em vista, justamente, as nuances de seu labor intelectual, quando nos deparamos com algum pensador que Foucault costuma citar, falar sobre, fazer referência e etc., isso nos salta aos olhos. Dentre tais autores, um deles chama nossa atenção e a relação estabelecida com ele constitui o principal mote desta reflexão: Immanuel Kant. Trata-se de um encontro que possui um importante

¹ Este e todos os outros trechos retirados dos volumes *Dits et écrits* são de tradução livre.

grau de recorrência e, ademais, está presente de ponta a ponta na trajetória intelectual de Foucault, isto é, desde seus primeiros trabalhos na década de 1960, até seus textos derradeiros, produzidos na década de 1980. Dois textos, em especial, recobrem essa extensão e, por isso, atestam a afirmação anterior: a tese complementar de 1961, traduzida sob o título *Gênese e estrutura da Antropologia de Kant* (2011) e o artigo de 1984 *O que são as Luzes?* (2001).

Ainda que outras referências a Kant possam ser identificadas ao longo da trajetória intelectual de Foucault, nos concentraremos, aqui, em alguns aspectos que envolvem os dois supracitados. Trata-se, especificamente, de questionar se haveria, e quais seriam, as possíveis ressonâncias entre ambos. Entendemos, entretanto, que a considerável distância em relação às datas das publicações desses dois escritos nos coloca diante da necessidade de, novamente, agir com certa cautela. Afinal, é importante não perdermos de vista o fato de que se, por um lado, Foucault se volta ao pensamento kantiano tanto na década de 1960 quanto na de 1980, por outro lado, é consenso entre seus comentadores o acentuado nomadismo que perfaz seu pensamento.

Não basta somente reconhecer as incursões de Foucault pelos textos de Kant, mas é preciso também abordá-las como copartícipes de um pensamento que experimenta diversas transformações. Por isso mesmo optamos pelo uso do termo ressonância, ao invés de continuidade ou ligação, para especificarmos o problema que aqui nos conduz. É o caso, portanto, de compreender que as abordagens realizadas por Foucault em sua tese complementar e no artigo *O que são as Luzes?* (2001), dado os diferentes lugares que ocupam em sua trajetória, possuem cada qual seus próprios tons, fato este que não nos impede, contudo, de testarmos a possibilidade de fazê-las vibrar em uma mesma frequência a partir de um estímulo exterior. Trata-se de uma tentativa de torcer o próprio Foucault; de levar a sério, pois, a sugestão feita por Passetti (2008, p.109): “pegue-o por onde quiser, mas frequente-o”.

Seguir essa sugestão não nos exime da adoção de certo rigor. Desse modo, para tornar esse estímulo exterior exequível, arrisquemos a delimitação de um recorte e o estabelecimento de um método que, juntos, podem ser enunciados a partir das seguintes proposições: a relação entre subjetividade e história é *uma* linha de força que pode ser haurida da vibração proveniente entre os dois textos que citamos anteriormente, onde Foucault mobiliza o pensamento de Kant; para tanto, é preciso realizar uma leitura a contrapelo, de trás para frente, ou, ainda, da jusante para a montante, uma vez que se trata de uma relação que só adquire sua complexidade e especificidade nos escritos de Foucault da década de 1980.

Mais do que uma leitura definitiva, essa estratégia primeira visa a delimitação de um conjunto de problemas que, posteriormente, em investigações futuras, podem ser perseguidos seguindo o movimento diacrônico dos textos de Foucault e atentando-se a todas suas variações.

2 DA JUSANTE PARA A MONTANTE: SUBJETIVIDADE E HISTÓRIA NO DIAPASÃO DA RELAÇÃO DE FOUCAULT COM O PENSAMENTO DE KANT

No início da década de 1980, pululam nos textos de Foucault diversas menções a Kant. Dentre elas, é possível sublinhar: o verbete *Foucault*, redigido sob o pseudônimo de Maurice Florence, ao *Dictionnaire des philosophes*, organizado por Denis Huisman, em 1984 (FOUCAULT, 2001, p.1450); o artigo *O que são as Luzes?* (FOUCAULT, 2001, p.1381), cuja versão fora publicada no mesmo ano junto ao livro *The Foucault Reader*, de Paul Rabinow; e o texto publicado no periódico *Magazine littéraire*, ainda em 1984, extraído do curso de 5 de janeiro do ano anterior junto ao *Collège de France*, intitulado, também, como *O que são as Luzes?* (FOUCAULT, 2001, p. 1498), ainda que guarde algumas diferenças em relação ao seu homônimo. Em todos esses momentos, portanto, é possível observar Foucault reivindicando sua pertença a certa linhagem crítica, cuja abertura, no pensamento moderno, deve-se a Kant.

Ora, é justamente na década de 1980, precisamente a partir dos cursos do *Collège de France* de 1981 e 1982, agrupados sob o título de *A hermenêutica do sujeito* (1997), que Foucault apresenta outra importante transformação em suas reflexões, guinada esta que desemboca nos volumes finais de *História da sexualidade: o uso dos prazeres e o cuidado de si*, ambos de 1984. (FOUCAULT, 1985; 2010). De modo geral, as preocupações de Foucault a partir de então podem ser resumidas a partir de uma preocupação em

investigar “quais são os modos históricos pelos quais fazemos a experiência de nos constituirmos enquanto sujeitos” (CARDOSO JÚNIOR, 2005, p. 343).

Ao abordar a sexualidade como *um* desses modos históricos, Foucault se debruça a aquilo que, até então, fora colocado em um ângulo obtuso no desenvolvimento de suas reflexões: o problema do sujeito. Antes imbricado às malhas dos diagnósticos efetuados nos termos da *arqueologia do saber* e da *genealogia do poder*, o sujeito deixa de ser tematizado em um aspecto discursivo-epistêmico ou confinado a dispositivos disciplinares, para ascender a uma posição positiva, isto é, enquanto algo que possui um conteúdo próprio a ser tematizado em sua função ativa.

Desse modo, torna-se lícito colocarmos duas questões: seria possível avistar certa contiguidade entre o tema do sujeito, tal como trabalhado por Foucault em seus últimos escritos, e as já alegadas referências ao pensamento de Kant, ambos movimentos realizados por Foucault na década de 1980? Ademais, uma vez observada essa contiguidade, haveria alguma ressonância possível a ser haurida junto ao texto da tese complementar de 1961, onde o pensamento de Kant também é o ponto de partida para as considerações de Foucault? Senão, vejamos.

Concentremo-nos na primeira versão do artigo *O que são as Luzes?* (2001), de 1984. Nesta reflexão, Foucault problematiza a possibilidade de uma atitude crítica em relação ao presente que, por sua vez, perfaz um movimento de saída: trata-se de abordar o presente não como um prolongamento, mas como ruptura radical em relação ao passado, articulando, assim, as estruturas passado-presente-futuro a partir de um deslocamento e opondo-se, pois, ao *continuum* normalmente pressuposto por outras abordagens historiográficas. O passado, assim, prefigura um corte; o presente uma diferença; o futuro uma abertura de possíveis.

Na medida em que essa atitude histórico-crítica mobiliza uma relação com o pensamento de Kant, é possível notar que ela articula, em função de tratar o presente enquanto diferença, um acontecimento que marca nossa relação com aquilo “que somos, pensamos e fazemos hoje” (FOUCAULT, 2001, p. 1381). Em outros termos, trata-se de uma *crítica* que não (re)inocula um pensamento transcendental, metafísico, uma vez que é voltada às condições históricas que constituem relações com a verdade, com os outros e consigo mesmo imersas - nem aquém e nem além, mas - no tempo; trata-se, pois, da reiteração de uma atitude-limite e transfiguradora que visa problematizar “simultaneamente a relação com o presente, o modo de ser histórico e a constituição de si próprio como sujeito autônomo” (FOUCAULT, 2001, p. 1390).

Ora, se o presente é o espaço que nos constitui enquanto sujeitos, o movimento de transformá-lo, por extensão, também nos atinge. Deslocar-se em relação ao presente, portanto, é, também, uma forma de deslocar-se em relação a si, em busca de novas formas de vida. Desse modo, Foucault vê nessa atitude histórico-crítica uma forma de *ethos* que, de modo constante e sempre recomeçado, fundamenta um exercício de liberdade. A questão norteadora, portanto, ao invés de conduzir a uma lógica essencialista - *o que somos?* -, movimenta-se em direção a um futuro, aberto como possibilidade: *no que estamos nos tornando?*

Assim, teríamos, por um lado, uma forma-sujeito, capturada pelo jogo de forças, de saberes e poderes do presente, que, por isso, expressa uma forma histórica específica de relacionamento com as coisas e outros sujeitos. Essa forma-sujeito, historicamente constituída, é denominada de *subjetividade*. Entretanto, tal como afirmamos acima, ao tratar da noção de subjetividade, Foucault não a mobiliza enquanto uma suposta essência *a priori* que, uma vez analisada suas estruturas - sejam elas “externas” (sociais) ou “internas” (cogito) -, trariam à tona a representação de um sujeito universal, estável e estático. Trata-se, antes, de compreender a subjetividade a partir de uma dimensão pragmática, concreta, isto é, como algo que envolve um modo de vida, uma atitude, em suma, que envolve uma maneira de *fazer-se*; ao que cabe acrescentar: *fazer-se*, mas diferente daquilo que se é: “[...] a crítica do que somos é simultaneamente análise histórica dos limites que nos são colocados e a prova de sua ultrapassagem possível” (FOUCAULT, 2001, p. 1396).

O jogo entre os termos atitude, limite e ultrapassagem, utilizados por Foucault apontam para algo que, em sua perspectiva, é próprio da subjetividade: a transgressão. Sempre há algo que resiste à captura, um excesso que transborda e desfaz determinada forma subjetiva. Esse movimento, que a atitude-crítica em relação ao presente permite sempre recomeçar, pode ser entendido como a

abertura de processos de *subjetivação*. “Ou seja, toda experiência que concretiza uma subjetividade envolve modos **também** historicamente peculiares de se fazer experiência de si (subjetivação)” (CARDOSO JÚNIOR, 2005, p. 344, grifos nossos).

Se, por um lado, os poderes e saberes procuram amofinar a vida, esta, por sua vez, sempre resguarda um *quantum* de energia com o qual irá se chocar com tais modos de coerção e, a partir daí, produzir a história dos modos pelos quais ela resiste. Conforme Foucault desenvolve em *A vontade de saber* (2012), de 1976, poder e resistência não se constituem enquanto termos excludentes, mas perfazem uma correlação. As resistências se multiplicam por toda a rede de poder como o outro termo, “como o interlocutor irreduzível”. Diante da multiplicidade desses pontos de resistência, Foucault afirma que

[...] não existe com respeito ao poder um lugar da grande Recusa – alma da revolta, foco de todas as rebeliões, lei pura do revolucionário. Mas sim resistências, no plural, que são casos únicos: possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício; por definição, não podem existir a não ser no campo estratégico das relações de poder (FOUCAULT, 2012, p. 106).

Após a constatação desses pontos de resistência, Foucault, em mais um importante deslocamento, se volta a investigar a dimensão *positiva* desses processos de resistência, isto é, de que maneira eles possuem uma dimensão própria e que não se reduz à mera resistência de qual ou tal rede de poder. Tal tarefa será levada a cabo nos dois volumes posteriores de *História da Sexualidade* a partir da seguinte baliza: uma vez que as subjetividades envolvem, também, processos de subjetivação que transgridem a forma subjetiva, o sujeito, então, está submerso em uma dimensão temporal que lhe confere uma mutabilidade, isto é, um aspecto transformacional (CARDOSO JÚNIOR, 2005). O enfoque à especificidade que envolve os processos de subjetivação é definido por Foucault como a “[...] história dos modelos propostos para a instauração e o desenvolvimento de relações para consigo, para a reflexão sobre si, para o conhecimento, o exame, a decifração de si por si mesmo, as transformações que se procura efetuar sobre si” (FOUCAULT, 2010, p. 28).

Dado o jogo entre *subjetividade* e *subjetivação*, é possível afirmar que em Foucault o sujeito possui uma incontornável dimensão histórica: trata-se de um *ser do devir*, ou ainda, *vir-a-ser*. Atentos à sugestão de Deleuze (2005) de que “sempre houve em Foucault um heraclitismo mais profundo do que em Heidegger, pois, afinal, a fenomenologia é pacificadora demais, ela abençoou as coisas demais” (p. 120), poderíamos, assim, pensar essa relação com o tempo a partir da célebre imagem do rio, forjada por Heráclito de Éfeso (1974)²: “Nos mesmos rios entramos e não entramos, somos e não somos” e “em rio não se pode entrar duas vezes no mesmo” (p. 90-94).

Informe, constantemente em fluxo – quando tenta-se capturá-la é enorme a pressão por ela exercida – e ligada a capacidade de transformação (seja renovação ou destruição), a água, enquanto imagem conceitual, é uma noção pouco afeita à tradição ocidental. Nesta “a razão pertenceu, por muito tempo, à terra firme. Ilha ou continente, ela repele a água com enorme teimosia: ela apenas lhe concede sua areia” (FOUCAULT, 2001a, p.296). Nesse sentido, mobilizar a imagem do rio de Heráclito para pensar o sujeito e a história em Foucault nos é útil tanto por ajudar a pensar sobre a tônica do devir, como por nos conduzir a determinadas sensações de *estar no tempo*.

Pensando a partir dessa chave hidrodinâmica, a subjetivação está para a correnteza do rio como um remanso, que inverte o fluxo da correnteza e a desacelera; pequenos turbilhões que descrevem um certo trajeto do rio, mais próximo de suas margens, até se desfazerem e se reestruturarem, de maneira mais ou menos sólida, mais ou menos efêmera, em outros pontos do rio em seu transcurso. A subjetivação, portanto, está aberta ao fluxo do rio e, ao mesmo tempo, o protege da correnteza corrosiva (CARDOSO JÚNIOR, 2005).

Assim, a subjetividade é uma expressão de nossa relação com as coisas por meio do movimento do tempo. Ela se banha do rio da história, é por ele modificado como também o modifica: o movimento da correnteza aloca elementos que se encrustam na subjetividade e nela se sedimentam, mas também leva com ele seus excessos, suas excrescências e descamações. Em suma, a

² A respeito do heraclitismo de Foucault, conferir também o artigo de Cardoso Júnior (2011), *Foucault's heraclitism and the concept of history*.

subjetividade, segundo Foucault, tem a ver com a história; com o tempo histórico que não condiz somente ao transcurso do rio, mas que, antes, adquire sua especificidade no encontro com o fluxo de tal correnteza e nas transformações que decorrem a partir dessa confluência. E a *subjetivação*, por sua vez, prolonga e (re)atualiza essa relação.

Como afirmamos de saída, as considerações de Foucault a respeito da *subjetividade* e da *subjetivação* são tecidas, também, ao longo da década de 1980, isto é, são contíguas àquelas considerações acerca do trabalho crítico, de saída, em relação ao presente, ensejadas por Foucault a partir de um diálogo com o pensamento de Kant. Voltemos ao problema disposto inicialmente e o reformulemos a partir dos termos com os quais jogamos até aqui: haveria outros momentos da trajetória de Foucault onde os temas da subjetividade e história possam ser vistos como que entrelaçados? Ou, ainda, haveria outros momentos em que o aspecto transformacional da subjetividade, como uma linha de fuga ou resistência à captura de sua potência, poderia ser atrelado à relação de Foucault com o pensamento de Kant?

Tendo isso em vista já podemos retornar ao texto da tese complementar, de 1961, *Gênese e estrutura da Antropologia de Kant* (2011), para aferir se, de alguma maneira, as relações entre subjetividade e história apresentam ressonâncias nesse primeiro escrito em que Foucault coteja o pensamento de Kant.

Trabalho que remete ao início da trajetória intelectual de Foucault, a tese complementar possui uma configuração peculiar: ausência de subtítulos ou subdivisões e redação extremamente complexa, pois, ao que parece, serviu para cumprir um requisito formal para que Foucault obtivesse seu título de doutor, na medida em que, para tanto, fazia-se necessário a sustentação de duas teses³. Em suma, trata-se de um texto que, ao contrário de *História da loucura na idade clássica*, não visava à publicação, ficando restrita à apreciação do corpo de especialistas que compuseram sua banca.

Composto por uma tradução, introdução e notas do texto de Kant *Antropologia do ponto de vista pragmático*, de 1798, a tese complementar de Foucault procura compreender a constituição deste texto a partir de sua relação com a filosofia crítica. Para tanto, Foucault se debruça ao texto da *Antropologia* de Kant a partir de uma perspectiva que o aborda como um trabalho iniciado antes da redação de suas três críticas (*Crítica da razão pura*, 1781; *Crítica da razão prática*, 1788; *Crítica da faculdade de julgar*, 1790), mas que se prolonga juntamente com a redação destas e, ainda, as ultrapassa; destacando, ainda, um movimento onde a *Antropologia* incide sobre a formulação das *Críticas* e vice-versa. Com esse trabalho, Foucault tece suas primeiras reservas em relação a uma forma de pensamento que, na modernidade, oferece ao homem uma posição de sujeito estável e soberano. Tais investidas que se prolongam em textos posteriores e têm no desfecho de *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências* (2007), de 1966, aquilo que, talvez, seja sua formulação mais lapidar e cujo brilho solicita o direito de ser, mais uma vez, repetida:

[...] o homem é uma invenção cuja recente dará a arqueologia de nosso pensamento mostra facilmente. E talvez o fim próximo. Se estas disposições viessem a desaparecer tal como apareceram, se, por algum acontecimento de que podemos quando muito pressentir a possibilidade, mas de que no momento não conhecemos ainda nem a forma nem a promessa, se desvanecessem, com aconteceu, na curva do século XVIII, como o solo do pensamento clássico – então se pode apostar que o homem se desvaneceria, como, na orla do mar, um rosto na areia (FOUCAULT, 2007, p. 536).

Não é nosso intuito entrar em pormenores a respeito da tese complementar, já que perseguimos aqui um objetivo delimitado. Mas vale ressaltar a importância desse trabalho enquanto um texto que parece apontar para alguns aspectos que, de maneiras singulares, permeiam a trajetória de Foucault, sendo eles germinados e momentos distintos⁴. Dentre eles, um tema parece ressoar de maneira significativa com as questões que delimitamos anteriormente a respeito das relações entre subjetividade e história. Para explorá-lo, devido à delimitação de nossa reflexão, é preciso operar um ligeiro recorte do conjunto do escrito da tese complementar e isolá-lo em função dos problemas que vínhamos desdobrando até aqui.

³ A descrição de todo esse processo, incluindo os comentários da banca de Foucault acerca de suas teses, podem ser conferidos no trabalho de Eribon (1990).

⁴ Uma reflexão acerca da relação entre os aspectos da tese complementar com textos posteriores de Foucault é desenvolvida no artigo *La thèse complémentaire dans la trajectoire de Foucault* (FONSECA E MUCHAIL, 2012/3).

Foucault se detém junto às correspondências estabelecidas entre Kant e o médico Christoph Wilhelm Hufeland – autor do livro *Macrobiótica ou a arte de prolongar a vida humana* [*Makrobiotik oder die kunst das menschliche leben zu verlängern*] –, datadas da segunda quinzena de março de 1797. Portanto, advém de um momento posterior ao desenvolvimento das *Críticas*, e Kant, então com 73 anos, voltava-se, segundo Foucault, à seguinte interrogação:

[...] o que significa esta velhice que não é mais capaz de resgatar as sutilezas transcendentais, mas que parece continuar dona de si na cuidadosa prevenção de toda doença? Vida prolongada ou vida acabada? Essa idade da razão indicaria o domínio sobre o tempo precário da vida? Esse escoar-se do tempo que aproxima de nós, sem nós, o término da vida poderia ser contornado ou dominado por uma síntese ativa da razão que faz do fluxo irreprimitível o reino calmo da sabedoria? (FOUCAULT, 2011, p. 38).

O que está em questão, como se vê, é algo que diz respeito diretamente ao corpo orgânico em sua velhice – o que mobiliza certa relação entre a questão da passividade e do tempo. Mas, a reflexão se prolonga, também, para o corpo como objeto de uma prática de si que desloca a relação entre doença e saúde. Nesse caso, as cartas com Hufeland escandem uma discussão fundamental que, de acordo com Foucault, se alinha a um movimento da medicina alemã do período que visa ajustar a observação de determinada doença a certa metafísica do mal que, por sua vez, busca equacionar certa “gravitação comum **entre** o afundamento no mecanismo patológico e a queda da liberdade no pecado”. A obra de Hufeland, ainda que não diretamente ligada a esse problema, prolonga uma máxima que surge de tais discussões, qual seja: “[...] a cultura moral é indispensável à realização física da natureza humana” (FOUCAULT, 2011, p. 39, **grifos nossos**).

Nesse caso, vemos um conceito de saúde alinhado a determinada forma de virtude. Assim, pode-se dizer que, se o tempo orgânico é incontornável, no que diz respeito ao tempo histórico e às práticas de si, é possível o cultivo de uma forma de liberdade que “[...] se enraíza **na** possibilidade de **prolongar a vida humana**, preservando a mecânica do corpo da queda culpável no mecanismo” (FOUCAULT, 2011, p. 40, **grifos nossos**). A partir desse debate, Kant redige uma *Dietética* cujo objetivo se voltava ao “poder exercido pelo espírito sobre suas impressões corporais patológicas” (p. 40) – texto que seria integrado ao livro *Conflito das faculdades*, também de 1798.

Nas correspondências de Kant e Hufeland, a partir desse debate conduzido aqui de modo incipiente, Foucault destaca, então, a filosofia como um elemento de universalidade que, junto da ciência médica, define uma arte cotidiana da saúde. De modo que “[...] a arte de prolongar a existência não é, portanto, vitória sobre o absoluto da morte domínio exaustivo da vida; é no interior da própria vida, a arte mensurada e relativa de gerir as relações entre saúde e doença” (FOUCAULT, 2011, p. 42).

Não permitir ao espírito, portanto, o mesmo perecimento, a mesma queda que se apresenta no corpo envelhecido, mas, antes, cabe a ele resistir a esse movimento condicionado e dominá-lo da melhor maneira possível; prolongar a vida tonificando, pois, o viço do pensamento. Como destaca Foucault, “a idade não é a doença, mas aquilo em que uma doença não é mais dominável. E o tempo novamente domina” (FOUCAULT, 2001, p. 44). Lembrando que aquilo que Kant constrói a partir dos diálogos com Hufeland é, justamente, o estabelecimento de uma dietética, isto é, um conjunto de práticas voltadas para o domínio e o cuidado de si no momento de sua velhice, procurando construir, sobre ela, um trabalho sempre recomeçado, uma atenção ao tempo de sono e à vigília, a alimentação, ao momento de se dedicar ao exercício do pensamento, etc.

Como havíamos destacado anteriormente, as considerações que Foucault desenvolve na tese complementar ressoam em um problema geral que, de modos variados, ecoam em seus primeiros trabalhos: a possibilidade de um questionamento acerca do ser do homem. Nesse sentido, as correspondências de Kant e Hufeland surgem como uma importante linha de força que passa pelo texto da *Antropologia* de Kant, na medida em que tocam e ajudam a equacionar o problema que envolve articulação do *homo natura* com o homem enquanto sujeito de liberdade (FOUCAULT, 2011). Se, por um lado, enquanto ocupante de uma posição na natureza dada a sua constituição biológica, o homem é conduzido pela correnteza do tempo a seu perecimento físico, por outro lado, ele é dotado de um espírito capaz de, a partir de um conjunto de reflexões e práticas efetuadas no seu âmbito cotidiano, produzir deslocamentos significativos em relação a esse estado condicionante. Desse modo, o trabalho sobre si se sobressai e abre, no domínio

de sua efêmera existência, um trabalho incessante de liberdade, desprendimento e domínio, mesmo que momentâneo, sobre o tempo.

A preocupação de Foucault com a dietética aparecerá, novamente, em suas reflexões da década de 1980, efetivamente, no segundo volume de *História da sexualidade: o uso dos prazeres* (2010). O encontro com a medicina para pensar um possível regime geral de dietas marca a tônica das reflexões que, dessa vez, Foucault busca recuperar junto a Platão e, principalmente, na escola hipocrática. E é nesse encontro outro, agora ocupado com temas que envolvem a sexualidade e as práticas de liberdade – a *subjetividade* e a *subjetivação*, como destacamos inicialmente – que vemos vibrar aspectos similares a aqueles que Foucault mobiliza já nos anos de 1960, quando se ocupa em pensar, a partir da *Antropologia* de Kant, o jogo entre o tempo condicionante e a liberdade como movimento de saída que, por sua vez, dá ensejo a uma espessura histórica singular. Destaquemos um trecho de *o uso dos prazeres* que parece nos apontar para essa direção:

[...] a prática do regime enquanto arte de viver é bem outra coisa do que um conjunto de precauções destinadas a evitar doenças ou terminar de curá-las. É toda uma maneira de se constituir como sujeito que tem por seu corpo o cuidado, justo, necessário e suficiente. Cuidado que atravessa a vida cotidiana; que faz das atividades maiores ou rotineiras da existência uma questão ao mesmo tempo de saúde e de moral; que define entre o corpo e os elementos que o envolvem uma estratégia circunstancial; e que, enfim, visa armar o próprio indivíduo com uma conduta racional. (FOUCAULT, 2010, p. 98).

Daí, portanto, a possibilidade de colocarmos algumas questões que, por sua vez, servem como aportes para o desdobramento de investigações futuras: poderíamos pensar que esse conceito de saúde, tal como exposto nesse trecho da tese complementar de 1961, estaria intimamente ligado com certa atitude-crítica em relação a si e ao presente – tal como mobilizado por Foucault nos textos da década de 1980? Qual seria a proximidade de tais considerações? Até que ponto, a despeito das várias transformações de seu pensamento, seria lícito considerar essas considerações desenvolvidas na década de 1960 como uma chave de inteligibilidade para as formulações que Foucault traz à tona na década de 1980, onde o pensamento de Kant é mobilizado de forma contígua às problematizações que envolvem *subjetividade e história*?

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta breve reflexão, procuramos ler Foucault às avessas. Com isso, acabamos por delimitar um campo de problemas que demonstram uma importante ressonância entre algumas de suas reflexões das décadas de 1960 e 1980. Mais do que dirimir a ênfase nas diversas transformações que Foucault experimenta ao longo de sua trajetória, entendemos que essas ressonâncias possibilitam uma abordagem refinada e complexa de seu pensamento e afastam algumas críticas que, revezando entre uma grandiloquência simplificadora, uma cega vontade de verdade de sua razão histórica, ou, até mesmo, uma má-fé, acabam por entender que a questão do sujeito seria, como ato final da trajetória de Foucault, uma forma de expiação⁵.

Se, por um lado, é inegável que a questão do sujeito é o grande tema dos últimos livros de Foucault, e é inegável, também, que ele é explorado de maneira específica e singular, como a tônica de uma importante transformação de suas reflexões, por outro lado, é possível notar que alguns componentes que integram esse campo em sua especificidade já estavam presentes desde o início de sua trajetória, ainda que aliados a outros conceitos e problemas.

⁵ Quanto a isso, é possível destacar a discussão de Didier Eribon (1996) com o livro de James Miller *The Passion of Michel Foucault*, ou, ainda, as desenvolvidas por François Dosse (1994) que, ao tratar do tema do sujeito em Foucault, afirma que esta questão “remete ao não dito de Foucault, à sua busca desesperada e urgente de uma ética, de uma ascese espiritual compensatória de um desprendimento próximo de seu corpo, de uma libertação da culpabilidade mortífera que o habita, e de uma reconciliação final consigo mesmo” (p. 389). Mesmo que distante de nós no tempo e espaço de produção, e devidamente retificadas pelos mais competentes autores que se debruçam ao pensamento de Foucault, tais considerações rondam e seduzem, ainda, o vocabulário de muitos daqueles que se saciam com a primeira chave de inteligibilidade que lhes salta aos olhos e que, com ela e por ela, afirmam os mais simplórios vitupérios.

A relação com o pensamento de Kant, como uma figura-ponte ou personagem conceitual, permite, como vimos, identificar as relações entre história, corpo e subjetividade como *um* importante conjunto de componentes a serem investigados. Assim, uma vez isolados tais componentes, surge a possibilidade de persegui-los, agora, em sua evolução, atentando-se às suas modificações e às diferentes questões a que eles se aliam no percurso dos textos de Foucault. Em suma, trata-se de fazer o caminho da montante para a jusante.

Idas e vindas; ziguezagues; da jusante para a montante e desta para aquela. Movimentos cambaleantes que, certamente, tomam o pensamento de Foucault e o torcem, fazem gemer, ranger, vibrar, ressoar, dissonar... Afinal, não seria justamente esta a maneira sugerida por ele próprio de se levar um autor adiante?

REFERÊNCIAS

- CARDOSO JÚNIOR, H. R. Para que serve uma subjetividade? Foucault, tempo e corpo. *Psicol. Reflex. Crít.*, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 343-349, Dec. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n3/a08v18n3.pdf>. Acesso em: 20 Set 2017.
- CARDOSO JÚNIOR, H. R. Foucault's heraclitism and the concept of history. *Fênix: Revista de História e Estudos Culturais*, Uberlândia, v. 8, ano VIII, n. 2, p. 1-15, maio-ago. 2011. Disponível em: http://www.revistafenix.pro.br/PDF26/Dossie_03_Helio_Rebello_Cardoso_Ir.pdf. Acesso em: 15 out 2017.
- DELEUZE, G. *Foucault*. Trad. Claudia Sant'Anna Martins. Revisão da tradução: Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DOSSE, F. *História do estruturalismo: O canto do cisne, de 1967 a nossos dias*. Trad. Álvaro Cabral. Vl. 2. São Paulo: Ensaio; Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.
- ERIBON, D. *Michel Foucault, 1926-1984*. Trad. Hildegard Fiest. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- ERIBON, D. *Michel Foucault e seus contemporâneos*. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- FONSECA, M. A. da; MUCHAIL, S. T. *La thèse complémentaire dans la trajectoire de Foucault. Rue Descartes*, Collège international de Philosophie, n. 75, p. 21-33, 2012/3. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-rue-descartes-2012-3-page-21.htm>. Acesso em: 20 set. 2017.
- FOUCAULT, M. *Dits et écrits II. 1976-1988*. Paris: Quarto Gallimard, 2001.
- FOUCAULT, M. *Dits et écrits I. 1954-1975*. Paris: Quarto Gallimard, 2001a.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FOUCAULT, M. *Gênese e estrutura da antropologia de Kant*. Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- FOUCAULT, M. *O nascimento da clínica*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- FOUCAULT, M. *Resumo dos cursos do Collège de France*. Trad. Andréa Daher. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon de Albuquerque. Rio de Janeiro: Edição Graal, 2012.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon de Albuquerque, 3. ed., Rio de Janeiro: Edição Graal, 2010.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon de Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

MUCHAIL, S. T. Foucault e a história da filosofia. In: *Tempo soc.*, São Paulo, v. 7, n. 1-2, p. 15-20, oct. 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v7n1-2/0103-2070-ts-07-02-0015.pdf>. Acesso em: 22 out. 2017.

HERÁCLITO DE ÉFESO. Fragmentos. In: *Os pré-socráticos*, Col. Os Pensadores, vol. I. Trad. José Cavalcante de Souza, São Paulo: Abril Cultural, 1974. p. 90-94.

PASSETTI, E. Heterotopia, anarquismo e pirataria. In: RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. (org.). *Figuras de Foucault*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 109-118.



Recebido em 07/11/2018. Aceito em 14/02/2019.